



Mário Abrantes  
marioabrantes@hotmail.com

## Há 45 anos o 25 de Abril aconteceu porque o fascismo existiu

Impulsionada de forma infame por uma certa comunicação social que parece desejosa de promover no nosso país a ascensão de grupos e partidos ultraconservadores e nacionalistas, como tem acontecido em outros países da Europa, a extrema-direita portuguesa, e alguns seus apoiantes menos atentos, fazem questão de dissimular que o fascismo existiu em Portugal preferindo falar em “regime anterior”, “regime de Salazar”, “Estado Novo” e outros nomes que tais, exaltando mesmo as pretensas virtudes do “antigamente”...

Sobre elas socorro-me de um conjunto de exemplificações recém-editadas por quem historicamente mais se opôs de forma organizada e persistente ao fascismo em Portugal: o PCP.

Dizem os promotores da campanha de branqueamento do fascismo que “antigamente não havia criminalidade, havia ordem e havia paz”. Criminalidade havia, mas a censura prévia, instituída logo após o golpe de 28 de maio de 1926, encarregava-se de ocultá-la. A ordem era assegurada pela proibição dos partidos políticos e a criação em julho de 1930 do partido único (União Nacional) e com a criação das prisões políticas e do campo de concentração do Tarrafal (abril de 1936) onde foram presos e torturados milhares de antifascistas, tendo sido assassinados 32 só no Tarra-

fal. Não se tendo envolvido diretamente na 2ª grande guerra, o país foi, no entanto, conduzido para sangrentas guerras coloniais que duraram 13 anos até ao 25 de Abril e onde, só do lado português, perderam a vida 10.000 jovens e 30.000 ficaram feridos.

Dizem também que “antigamente havia orgulho na Nação e havia mais respeito”, mas só entre 1961 e 1973, 1,5 milhões de portugueses abandonaram o país à procura da liberdade e do trabalho que por cá lhes era negado. As eleições não eram livres e eram falsificadas. O respeito pelos mais velhos só aconteceu depois de 25 de Abril com o aparecimento do direito à reforma. A mulher tinha de ser virgem senão o marido podia repudiá-la ou matá-la em caso de adultério flagrante, e só podia viajar, trabalhar fora de casa e não podia exercer certas profissões, certas carreiras e certas atividades comerciais. Os Açores e a Madeira não passavam de “ilhas adjacentes” e abandonadas.

Dizem que “antigamente Portugal era um país grande e soberano”. A grandeza resultava do Acto Colonial (1930) que proclamava os princípios coloniais fascistas e instituiu nas colónias o trabalho forçado. A soberania perdeu-se na adesão à Nato em 1949 e na ocupação das bases militares portuguesas pelos EUA (Lajes), França (Flores) e Alemanha (Beja).

Dizem que “antigamente não havia corrupção

nem promiscuidade entre os políticos e que os portugueses viviam com humildade e sem excessos”. Em 1958 mais de 42 ministros e ex-ministros e 8 altos funcionários salazaristas ocupavam 116 lugares na administração das principais empresas em Portugal e nas colónias, e a ditadura assegurava o domínio económico do país por 6 grupos (Mello, Champalimaud, Espírito Santo, Borges e Irmão, Banco Português do Atlântico e Banco Nacional Ultramarino). Em simultâneo existiam elevadas taxas de analfabetismo, um ridículo orçamento da educação e ciência e os maiores graus de ensino eram apenas acessíveis às elites com posses para isso.

Dizem que “antigamente tínhamos os cofres cheios”, mas para esse efeito a taxa de cobertura de água canalizada (1970) ficava-se pelos 47% das casas, os esgotos pelos 58% e a eletricidade pelos 63%.

É tempo, pois, de revigorar o combate ao branqueamento do fascismo e ao laxismo político com que muitas instituições estão a tolerar hoje a ascensão dos grupos de extrema-direita. Isto só é possível pela denúncia objetiva do que foram aqueles tempos e pela exaltação e consolidação do seu fim, com a revolução desencadeada pelos heroicos capitães em 25 de Abril de 1974.

Faz todo sentido repetir hoje: 25 de Abril, sempre!



João Gago da Câmara

## Paralelo 38

# Ao longe a liberdade

Hoje sou pai de filhos e avô de netos, como se diz comumente. Tenho duas filhas e três netos. O meu primo, Luís, tem três filhos e nenhum neto. Ainda. Ele anda pelos lados do saber, eu a palmilhar os territórios da informação. Saber queríamos nós há dezenas de anos atrás se a miúda seria gira (hoje chamam-nas gajas, termo impróprio para seres tão delicados. Uma ordinárice!), se a loura era mais para mim e a morena mais para ele. Crianças, ... quase adolescentes já com o sentido do sexo oposto para complementaridade da nossa já desmedida felicidade. O local de pesquisa era no aeroporto. Vamos, João, até à aerogare para vermos se vem alguma miúda gira para mim e outra para ti? As caras na cidade e na ilha eram sempre as mesmas. Passeávamos com elas, dançávamos com elas, mas a ilusão de que o que é novo é melhor bailava nas nossas cabeças novas e tontas. Fomos.

Esperámos a chegada do avião, viesse ele de onde fosse.

- Luís, tens dinheiro? Vamos tomar uma laranjada?

- Ó pá, tenho cá dinheiro! A minha mãe dá-me cá nada! E o meu pai, nem me atrevo a pedir-lhe!

Eu também não tinha. Nem um tostão.

Aterra um avião pequeno da Força Aérea Portuguesa. Não trazia miúdas. Trazia tropa deslocada. E trazia

também, sempre, o velho Sargento Nicolau, da FAP nos Açores, uma figura única na Base Aérea 4 estacionada nas Lajes, um militarão dos quatro costados.

Já era eu então um perdido pela aviação. Aquele elevar da máquina no ar, o roncar dos motores que soltavam lágrimas às mães que viam partir os filhos, o saber-se que havia gente ali dentro a subir na atmosfera, esse emocionante dizer adeus que sempre faz a saudade acontecer, o atrevermo-nos a afrontar o mundo das aves e essa ambição de um dia sentir a responsabilidade imensa de estar num cockpit a comandar uma dessas aeronaves, eram um fascínio e impulsionaram-me a perguntar ao meu primo se queria pedir boleia ao sargento Nicolau.

- E os nossos pais, pá, não lhes dizemos nada? - questionou.

- Não, pá. Não lhes dizemos nada. Vamos e pronto - respondi-lhe.

E tal como tínhamos combinado, dirigimo-nos ao sargento a perguntar-lhe se nos podia levar para a Terceira.

- Têm a certeza que os vossos pais vos deixam embarcar? - perguntou-nos o militar desconfiado.

- Claro que sim. Não há problema. - mentimos.

- Então venham que o avião vai sair e arranjo-vos dois lugares. E lá fomos, dois rapazolas, a voar de graça os céus rumo à pequena América da ilha.

- Tanta lenha que vamos apanhar quando voltarmos para São Miguel! - observou o Luís.

- Não te preocupes, Luís, goza agora a viagem e o

resto há de se ver - respondi-lhe.

Estávamos na fase final da infância e a entrar na adolescência. Tínhamos a escola no dia seguinte, a que faltámos. Deixámos os nossos pais em alvoroço. As nossas mães choravam. Estávamos longe e sem dinheiro. Tivemos fome e pedimos para ficar no Seminário de Angra do Heroísmo onde nos serviram arroz com ovos e que abençoada refeição, e lá ficámos a pernoitar.

O telefonema, por ordem dos padres, foi feito.

- Pai, estou na Terceira com o Luís. Viemos à boleia no avião militar.

E a resposta que veio do lado de lá foi simplesmente:

- Conversamos quando chegares aqui.

Ui!... Que peso de resposta! Que grave a voz do pai! Mas chegou o cheque telegráfico, que fomos levantar aos correios, e a passagem paga na SATA que nos levou de regresso a São Miguel.

Ao invés do enxerto de pancada que se fazia anunciar, achámo-nos envolvidos no calor dos braços das nossas mães que já previam o pior.

As miúdas não tinham cabelos loiros nem morenos, não eram altas nem baixas, gordas ou magras, não nos apereceram. Foi só céu azul a perder de vista, algóides de nuvens, oceano etéreo, fardas da FAP, novos horizontes a ocidente, aquele cheiro característico a alcatrão das pistas de aviação nas Lajes e o sonho, esse sonho de, na ousadia e na coragem de apenas rapazes, acharmos concretizada essa tão infantil conquista da liberdade.